



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS – CCHE
CAMPUS POETA PINTO DO MONTEIRO
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA**

RUANA NATASHA BISPO DA SILVA

**INCONSCIENTE, ARTE E SUBLIMAÇÃO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA EM
POEMAS DE FERNANDO PESSOA**

**MONTEIRO
2018**

RUANA NATASHA BISPO DA SILVA

**INCONSCIENTE, ARTE E SUBLIMAÇÃO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA EM
POEMAS DE FERNANDO PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras
da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI,
como requisito parcial para obtenção do título de
licenciada em Letras.

Área de concentração: Psicanálise e Literatura

Orientadora: Prof^ª Ma. Joana Dar'k Costa.

MONTEIRO-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Ruana Natasha Bispo da.
Inconsciente, arte e sublimação [manuscrito] : uma análise psicanalítica em poemas de Fernando Pessoa / Ruana Natasha Bispo da Silva. - 2018.

50 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Joana Dar'k Costa , Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Literatura e Psicanálise. 2. Fernando Pessoa. 3. Teoria do Aparelho Psíquico. 4. Sigmund Freud.

21. ed. CDD 801.92

RUANA NATASHA BISPO DA SILVA

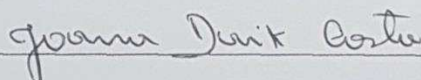
INCONSCIENTE, ARTE E SUBLIMAÇÃO: UMA ANÁLISE PSICANALÍTICA EM
POEMAS DE FERNANDO PESSOA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, Habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus VI – Poeta Pinto do Monteiro, Centro de Ciências Humanas e Exatas, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras.

Área de concentração: Psicanálise e Literatura.

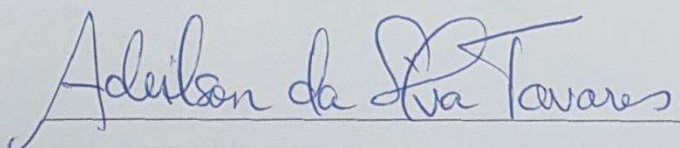
Aprovada em: 11/06/2018.

BANCA EXAMINADORA



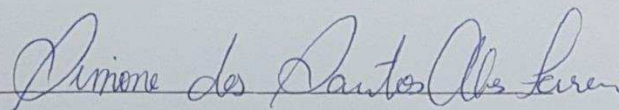
Prof^a Ma. Joana Dar'k Costa. (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Adeilson da Silva Tavares

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Á minha mãe e irmã por todo incentivo.
Aos meus amigos, os verdadeiros.
Vocês são ímpares.

AGRADECIMENTOS

“Aos que a felicidade
É sol, virá a noite.
Mas ao que nada espera
Tudo que vem é grato”.
Ricardo Reis

Primeiramente, sou grata a Deus pela força e determinação para alcançar os meus objetivos.

Na graduação, fui agraciada por ter tido o privilégio de conhecer e conviver com Joana Dar’k Costa, um ser de luz, que demonstrou em suas aulas e orientações todo seu amor pela psicologia, tanto que meu coração se tornou freudiano. Obrigada por cada palavra de incentivo, elas ajudaram muito!

Sou infinitamente grata à minha mãe e irmã por sempre acreditarem no meu potencial e me instruírem a perseverar durante essa caminhada.

Sou e serei sempre demasiadamente grata à Erika Mayara Leite de Moraes, amiga e comadre, por ser minha dupla do primeiro ao último período desse curso, e à Joyce da Silva Rodrigues Mariano, irmã de coração, por compartilhar comigo tantos momentos, na faculdade e na vida. Sou ainda grata a minha turma (vulgo 30), que apesar dos altos e baixos sempre estavam na torcida, em especial agradeço à Niedja Jaiane do Nascimento Moraes, com quem dividi momentos importantes.

Sou grata à Edjovaldo de Lima Santos, meu futuro marido, por todo incentivo, paciência e companheirismo, por acreditar no meu potencial e por buscar sempre o melhor para nós.

Sou grata a todos os professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, em especial à Simone dos Santos Alves Ferreira, à Luciana Fernandes Nery, à Adeilson da Silva Tavares, à Paulo Aldemir Delfino Lopes, à Paulo Vinícius Ávila Nobrega, à Josefa Adriana Gregório de Souza, Danielly Vieira Inô Espíndula e à Lidiane Quirino Ramalho por mostrarem que todo esforço será recompensado.

“Seja qual for o caminho que eu escolha um, poeta já passou por ele antes de mim”.

Sigmund Freud

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar, sob a perspectiva da psicanálise, as manifestações do inconsciente freudiano em poemas de Fernando Pessoa. Nossa pretensão foi analisar os poemas *Sou um evadido*, *Não sei quantas almas tenho*, *Autopsicografia* do ortônimo Pessoa, e *Todas as cartas de amor são ridículas* de Álvaro de Campos, heterônimo do poeta. Nesse estudo, utilizamos como arcabouço teórico os estudos de Freud (1996) acerca da teoria do primeiro aparelho psíquico, conceito de sublimação e os estudos de Nasio (2017) e Peyon (2008) sobre a relação inconsciente e arte; inconsciente e suas manifestações nas produções dos poetas. Para Freud (1996) o inconsciente é a parte mais profunda de nossa mente e é formada por conteúdos reprimidos, traumas, desejos proibidos, pulsões sexuais e agressivas. Os conteúdos recalçados no inconsciente procuram estratégias para burlarem a censura e se tornarem conscientes. Assim se manifestam a partir de sonhos, atos falhos, lapsos, chistes e da arte, como a pintura, a dança, a poesia, dentre outros. Segundo Sigmund Freud (1996), a arte estava relacionada à leitura dos significados reprimidos e inconscientes, com base nessa informação, as produções artísticas passam a ser consideradas como sublimação de desejos proibidos e conteúdos recalçados. Para o teórico, assim como os sonhos, os poemas precisavam ser analisadas à luz do inconsciente, pois afirmava que o poeta em suas produções artísticas faziam revelações que lhes eram desconhecidas. Em nossas análises, podemos supor que o inconsciente se revela nos poemas que selecionamos como corpus desse estudo. Evidenciamos que Fernando Pessoa através do eu-lírico faz alusão as estranhezas que habitam seu universo psíquico fazendo menção a partes desconhecidas de si mesmo; as angustias que sofreu sem compreender suas causas, ao desejo de fugir de si mesmo para não entrar em contato com as feridas reprimidas, aos desejos que se revelam nas palavras que exprimem as profundezas obscuras de sua mente.

Palavras-chave: Inconsciente; Sublimação; Ortônimo; Heterônimo.

ABSTRACT

The present work aims to analyze, from the perspective of psychoanalysis, the manifestations of the Freudian unconscious in poems by Fernando Pessoa. Our pretension was to analyze the poems *I am the escaped one*, *I don't know how many souls I have*, *Autopsicography*, by Pessoa himself, and *All love letters are ridiculous*, by Álvaro de Campos, heteronym of the poet. In this study, we have used as theoretical framework the studies of Freud (1996) about the theory of the first psychic apparatus, the concept of sublimation and the studies of Nasio (2017) and Peyon (2008) about the relationship between unconscious and art; the unconscious and its manifestations in the productions of the poets. To Freud (1996) the unconscious is the deepest part of our mind and it is formed by repressed contents, traumas, forbidden desires, sexual and aggressive drives. The contents repressed in the unconscious seek strategies to deceive censorship and become conscious. Thus, they manifest themselves through dreams, failed acts, lapses, jokes and through art, as in painting, dance, poetry, among others. According to Sigmund Freud (1996), art was related to the reading of the repressed and unconscious meanings. Based on this information, the artistic productions come to be considered as sublimation of forbidden desires and repressed contents. For the theorist, just like dreams, the poems should be analyzed in the light of the unconscious, because he asserted that the poets, in their artistic productions, made revelations that were unknown to them. In our reviews, we can assume that the unconscious reveals itself in the poems that we selected as *corpus* of this study. We show that Fernando Pessoa through the lyrical I alludes to the oddities that inhabit his psychic universe, referring to unknown parts of himself; the anguish he suffered without understanding its causes, the desire of running away from himself so that he would not get in touch with repressed wounds, the desires revealed in the words that express the obscure depths of his mind.

Key words: Heteronym; Orthonym; Sublimation; Unconscious.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	14
INCONSCIENTE, SUBLIMAÇÃO E ARTE	14
2 Sigmund Freud: Algumas Considerações Sobre Vida e Obra	15
2.1 Psicanálise: do advento à ascensão	16
2.2 Teoria do aparelho psíquico: Consciente, pré-consciente e inconsciente	18
2.3 Formas de Manifestações do Inconsciente	20
2.4 SUBLIMAÇÃO: “A arte é a auto-expressão lutando para ser absoluta”	22
CAPÍTULO II	27
POESIA E O INCONSCIENTE: “TODA POESIA REFLETE O QUE A ALMA NÃO TEM”	27
3. Algumas Considerações sobre a Poesia e Poema	28
3.1 Fernando Pessoa: A biografia de um “desconhecido de si mesmo”	29
3.2 “Não sei o que é conhecer-me”: Fernando Pessoa e os heterônimos	31
3.3 “Nenhum ser humano é capaz de esconder um segredo. Se a boca se cala, falam as pontas dos dedos”	33
3.3.1 Os Poemas de Fernando Pessoa: “O nada que é tudo”	34
3.3.2 “Quanto amei ou deixei de <i>amar</i> é a mesma saudade em mim”	40
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A vasta produção teórica do psiquiatra Sigmund Freud (1856-1939) apresenta um modelo de “aparato psíquico” que permite pensar a produção psíquica normal e patológica, fundando um novo campo de saber: a psicanálise. Essa tem desse modo, pressupostos, modelos hipotéticos e métodos próprios, que promovem uma concepção inédita e exclusiva de sujeito, em total descontinuidade com a psicologia e a psiquiatria tradicional.

Podemos dizer que Freud ao elaborar uma profunda e complexa estrutura teórica acerca da subjetividade humana, provocou grande impacto na Psicologia acadêmica influenciando também a Literatura, a Arte, a Antropologia, a Sociologia, a Medicina e a História.

Sua metapsicologia, como ele mesmo denominou, foi peça fundamental para as transformações na vida do século XX marcando de modo indelével os estudos da existência humana. A psicanálise ao introduzir o conceito do inconsciente, limitou o poder soberano da razão e da consciência, além de descortinar a sexualidade como força determinante da nossa existência, nossas atitudes e comportamentos.

Freud rompe com o pensamento filosófico de Descartes até então predominante, que colocava a razão e o pensamento como ponto central da subjetividade humana. O indivíduo humano, na concepção cartesiana, era considerado soberano senhor de suas reflexões e dos pensamentos racionais e conscientes.

É esse sujeito racional que a psicanálise vai desqualificar como sendo o referencial privilegiado na qual a verdade aparece. Ela vai perguntar exatamente pelo sujeito do desejo que o racionalismo recusou. Nessa perspectiva, há uma clivagem da subjetividade em consciente e inconsciente o que significa dizer uma duplicidade de sujeito numa mesma pessoa. (GARCIA-ROSA, 2014)

Em 1900, Freud criou a primeira concepção da estrutura do aparelho psíquico, na qual a mente foi dividida em três instâncias: Consciente, Pré-consciente, e Inconsciente. O consciente guarda informações do nosso dia a dia das quais temos consciência. O pré-consciente armazena conteúdos que podem tornar-se consciente facilmente. Por fim, o inconsciente que é considerado a “chave mestre”, pois exerce controle nas ações e pensamentos do sujeito. A descoberta do inconsciente permitiu a Freud afirmar que o eu não é o senhor da sua própria casa, ou seja, está instância psíquica faz revelações inusitadas, e demonstra que a verdade está muito além daquilo que o indivíduo pretende dizer.

Para Freud, o inconsciente, a parte mais profunda da instância psíquica, pode manifestar-se através de sintomas, atos falhos, chistes, sonhos e da arte, como a pintura, música, poesia, entre outros. De acordo com Silva (2017), arte e psicanálise compartilham muitos aspectos em comum, ambas demonstram grande interesse pelos significados dos sonhos, e ainda nutrem certo fascínio pela fantasia e sexualidade. Para o renomado psicanalista Sigmund Freud (1996), a arte estava relacionada à leitura dos significados reprimidos e inconscientes, com base nessa informação, as produções artísticas passam a ser consideradas como sublimação de desejos proibidos, tornando esse conceito um elemento essencial para a escrita de poemas.

Comungando com essa mesma linha de pensamento, Peyon (2008) buscou compreender a relação entre a poesia e a psicanálise. Em suas elaborações, concorda com Freud e diz que o poeta através de suas produções artísticas faz revelações que eram desconhecidas para ele mesmo. Desse modo para Peyon (2008, p.101) “o poeta abre caminhos para o psicanalista porque revela o desconhecido, renova o enigma e relança a verdade”.

Com base nas elaborações teóricas de Nasio sobre a relação arte e inconsciente e em Peyon enfocando psicanálise e poesia, surgiu interesse em realizar um estudo mais aprofundado acerca dessa temática. Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar, sob a perspectiva da psicanálise, as manifestações do inconsciente freudiano em poesias de Fernando Pessoa. Para tanto, elegemos como corpus desse estudo, os seguintes poemas “*Sou um evadido*”, “*Não sei quantas almas tenho*”, “*Autopsicografia*” do ortônimo Pessoa, e “*Todas as cartas de amor são ridículas*” de Álvaro de Campos, heterônimo do poeta. Elegemos como fio condutor desse estudo as seguintes questões norteadoras: as poesias de Fernando Pessoa podem ser analisadas à luz dos pressupostos freudianos? Podemos identificar reflexos do inconsciente nas produções poéticas de Fernando Pessoa?

Destacamos nossa proposta de estudo como inovadora, porque identificamos uma carência de trabalhos acadêmicos enfocando essa temática. Fizemos uma pesquisa bibliográfica e constatamos que há apenas um trabalho acadêmico produzido por Durval Checchinato (S/D), “O inconsciente e Fernando Pessoa”, no qual o referido teórico afirma que embora alguns poemas de Pessoa possam ser analisados com base no inconsciente freudiano, por questões circunstanciais, restringiu seu estudo a apenas um poema, deixando espaços para outros estudos mais aprofundados enfocando outros poemas.

Como aporte teórico, utilizamos as elaborações teóricas de Freud (1996), mais especificamente, sobre a teoria do primeiro aparelho psíquico (consciente, pré-consciente e

inconsciente); as formas de manifestação do inconsciente; o conceito de Sublimação e enfocamos também os estudos de Nasio (2017) acerca da relação do inconsciente em música, dança e pintura, e de Peyon (2008) que observa essa relação em poemas.

O presente trabalho se desenvolve em dois capítulos: no primeiro abordamos a origem da psicanálise para poder compreender melhor a formação do primeiro aparelho psíquico freudiano e o conceito de sublimação; apresentamos também os estudos de Juan-David Nasio (2017), com informações acerca do desenvolvimento e da relação da psicanálise com as produções artísticas.

No segundo capítulo temos algumas considerações sobre a poesia e o poema, destacando sua importância na literatura, enquanto forma distinta de perceber o mundo a nossa volta. Em seguida, temos algumas observações sobre a vida e obra de Fernando Pessoa, e por fim, apresentamos as análises de alguns poemas do poeta, tendo como fio condutor a psicanálise, na perspectiva de identificar as manifestações do inconsciente nas produções desse gênio da literatura.

CAPÍTULO I

INCONSCIENTE, SUBLIMAÇÃO E ARTE

2 Sigmund Freud: Algumas Considerações Sobre Vida e Obra

Segundo Book, A.M. et al. (2009) Sigmund Schlomo Freud, renomado psicanalista, nasceu em 1856, na cidade de Freiberg, Morávia, parte da Europa Central, atualmente parte da República Tcheca. Oriundo de família judia, filho de Jacob Freud e Amalie Nathanson, primogênito de sete filhos. Viveu grande parte de sua vida em Viena, na Áustria, onde os judeus tinham maior índice de aceitação e promessas de melhorias na economia.

De acordo com a autora, ainda na infância mostrou-se um aluno brilhante, por ser judeu muitas carreiras profissionais lhe foram impedidas, restando apenas Direito e/ou Medicina. Influenciado pelos trabalhos de Darwin e Goethe, ingressou na Universidade de Viena, aos 17 anos para cursar medicina. Concluiu em 1881, o curso e se especializou em neurologia.

Roudinesco (2016) afirma que em 1885, obteve uma bolsa de estudos para ir a Paris, lá conheceu Jean Martin Charcot, que fazia estudos e experiências sobre a histeria. Trabalhou ainda com Josef Breuer, com quem escreveu a obra "*Estudos sobre histeria*". Somente em 1876, o termo psicanálise foi usado por Freud pela primeira vez, devido ao seu interesse por neurologia.

A autora supracitada afirma que Freud conheceu e se apaixonou por Martha Bernays, amiga de sua irmã, em uma viagem que fez com um amigo de infância, mantiveram um romance vitoriano que se deu praticamente por correspondência. O noivado de Freud e Martha durou quatro anos, no decorrer deste tempo, eles se viram apenas seis vezes, pois Martha morava na Alemanha com sua mãe, ao longo do noivado trocaram mais de 900 cartas extremamente românticas. Casaram somente em 1886, quando Freud já atendia em seu próprio consultório.

Segundo Bock, A. M. et al. (2009), Freud durante toda sua vida, relatou suas descobertas e criou leis sobre o funcionamento do psiquismo humano. A psicanálise se caracteriza por ser um método de investigação interpretativo, o qual busca a compreensão através de ações e produções imaginárias, tais como, sonhos, atos falhos, associações livres, etc.

Durante alguns anos, Freud trabalhou sozinho no desenvolvimento da psicanálise, no início de sua carreira, foi hostilizado por cientistas que chegaram a desmoralizá-lo por não acreditar em suas novas ideias. Aos poucos, o seu trabalho foi crescendo e se tornando acessível e, com isso, as críticas aumentaram, baseando-se na descrença da teoria elaborada pelo estudioso, principalmente suas ideias sobre a sexualidade na infância.

Os anos seguintes foram ficando ainda mais difícil para o teórico, pois com a expansão do nazismo seus bens foram confiscados e seus livros queimados. Por ser de origem judia foi obrigado

a sair de Viena e se refugiar em Londres, onde passou os últimos dias de vida. Freud morreu em Londres em 23 de setembro de 1939 vítima de câncer no palato.

2.1 Psicanálise: do advento à ascensão

A partir dos pressupostos teóricos elaborados por Sigmund Freud (1856-1939) surge no século XX a psicanálise, que tinha por objetivo o estudo do psiquismo humano. Essa nova área de conhecimento, auxiliou a compreensão do ser humano, além de ser usado para se referir a um novo método terapêutico que vinha sendo desenvolvido para o tratamento de neuroses. Em seus estudos psicanalíticos, Freud buscava compreender a simbologia por trás dos conflitos psíquicos que seus pacientes apresentavam, e descobriu que esses traumas surgiam em fatos da infância do sujeito.

Com base nas teorias de Freud passamos a compreender a sua infância, neuroses e o conceito da sexualidade, pois para compreender a psicanálise é necessário conhecer a vida de Freud, uma vez que seus estudos foram baseados em experiências vivenciadas por ele na infância e foram analisadas em sua auto-análise, contribuindo assim para a formulação de alguns conceitos que fazem parte do seu arcabouço teórico, conforme sinaliza Bock (et al, 2009):

Compreender a Psicanálise significa percorrer novamente o trajeto pessoal de Freud, desde a origem dessa ciência e durante grande parte de seu desenvolvimento. A relação entre autor e obra torna-se mais significativa quando descobrimos que grande parte de sua produção foi baseada em experiências pessoais, transcritas com rigor em várias de suas obras, como *A interpretação dos sonhos* e *A psicopatologia da vida cotidiana*, dentre outras. BOCK, A. M. et al. (2009, p. 2)

Em Paris, Freud chegou a trabalhar com Jean Charcot, clássico neurologista do século XIX, que tratava as neuroses através da hipnose. De acordo com Freud Apud Fulgencio (2002), Charcot tratava a histeria¹ como um tópico da neuropatologia², mostrou como reconhecer os sintomas que facilitariam no diagnóstico. Através do referido teórico se pôde obter melhor compreensão as paralisias histéricas, Freud afirma que “por meio de uma sólida cadeia de argumentos, que essas paralisias eram o resultado de ideias que tinham dominado o cérebro do paciente em momentos de disposição especial”. (FULGENCIO, 2002, p. 34) Dessa forma, o sintoma histérico era similar ao que ocorre na hipnose, o hipnotizado realiza, fora do estado de hipnose, uma ordem que foi dada pelo hipnotizador mesmo sem ter consciência de ter recebido essa ordem.

¹De acordo com Elisabeth Roudinesco e Michel Plon Apud Belintani (2003) **histeria** são "as convulsões e as famosas sufocações da matriz eram consideradas a expressão de um prazer sexual e, por conseguinte, de um pecado".

² **Neuropatologia** é o ramo da neurologia que estuda as doenças do sistema nervoso, estuda anatomia patológica ou patologia. Disponível: < <https://educalingo.com/pt/dic-pt/neuropatologia>>.

Quando Freud propõe para Charcot um estudo comparativo entre as paralisias e as histerias, percebe que o estudioso não compartilhava do mesmo interesse que ele, “... era fácil ver que, no fundo, ele não tinha nenhuma predileção particular para entrar mais profundamente na psicologia das neuroses”. (FULGENCIO, 2002, p. 34) Apesar das divergências de ideias entre Freud e Charcot, o pai da psicanálise, não desistiu de compreender a histeria, e continuou usando a hipnose como instrumento de trabalho para eliminar os sintomas nervosos.

Um dos casos mais importantes de Breuer e determinantes para o estudo da psicanálise foi Bertha Pappenheim, mais conhecida como Ana O., que sofria de paralisias e inibições de pensamentos, esses sintomas³ surgiram enquanto cuidava de seu pai doente. Quando consciente, Ana não era capaz de afirmar qual a origem de seus sintomas, no entanto, quando estava sob o efeito da hipnose revelava a origem de cada um deles. Seus sintomas estavam relacionados com fatos do seu passado. Vale ressaltar que a partir do momento que a paciente revivia a cena traumática com a mesma carga afetiva os sintomas desapareciam. A esse fenômeno Breuer deu o nome de *método catártico*, que consistia no fato da liberação de emoções que tinham relações intrínsecas com os acontecimentos traumáticos vividos no passado e que não chegaram a ser expresso anteriormente.

Depois de um tempo estudando a histeria, Freud e Breuer levantaram a hipótese de que a histeria mantinha relação com um trauma. E Freud constatou que esses acontecimentos traumáticos estavam ligados á sexualidade na infância. Entretanto, alguns pacientes como Ana O., não se lembrava desses eventos, eles emergiam durante o estado hipnótico.

Freud apesar de usar o método catártico, percebeu a ineficácia da hipnose, notou que os sintomas voltavam depois de um tempo, acabou deixando-a de lado. Todavia iniciou um novo método de trabalho, o qual intitulou de “associação livre de palavras” que residia no fato de encorajar o paciente a falar livremente, relatarem fatos que viessem à mente. Denominou de “associação livre” o método de análise da resistência e interpretação da fala dos pacientes, que se tornou amplamente conhecido através da Psicanálise.

A associação livre é uma maneira de fazer surgir o desejo nas representações. Essa operação é uma tarefa do analisante. A associação livre foi o dispositivo descoberto por Freud que consiste no desenrolar das cadeias significantes do sujeito, este permite desatar os nós do recalque do sintoma, com o intuito de fazer ir além. (PIMENTA FILHO, Carta Acf, 2009)

³ Os sintomas são ou uma satisfação de algum desejo sexual ou medidas para impedir tal satisfação e, via de regra, têm a natureza de conciliação, de formação de compromisso entre as duas forças que entraram em luta no conflito: a libido insatisfeita, que representa o recalque, e a força repressora, que compartilhou de sua origem. (DIAS, 2006, p. 400)

Conforme afirma Freud (1925) devemos ter em mente que a associação livre não é de fato “livre”, pois o paciente permanece sob as orientações do psicanalista, embora o profissional não esteja direcionando o assunto durante a consulta.

Através desse método Freud observou que muitas vezes seus pacientes se envergonhavam de alguns pensamentos que vinham à mente, e então percebeu a existência de uma força psíquica que se opõe a revelação de algum pensamento. Esta força foi chamada de resistência. Já a retirada de conteúdos angustiante da consciência para o inconsciente foi chamado de repressão.

2.2 Teoria do aparelho psíquico: Consciente, pré-consciente e inconsciente

De acordo com BOCK, A. M. et al. (2009), Freud se questionava: “Qual poderia ser a causa de os pacientes esquecerem tantos fatos de sua vida interior e exterior...?”.(p. 4) O teórico notou através de seus pacientes que:

O esquecido era sempre algo penoso para o indivíduo, e era exatamente por isso que havia sido esquecido e o penoso não significava, necessariamente, sempre algo ruim, mas podia se referir a algo bom que se perdera ou que fora intensamente desejado. (BOCK, A. M. et al. 2009, p. 4)

Conforme foi dito anteriormente, Freud adotou no seu método terapêutico uma nova técnica, a qual era tida por ele como mais eficaz. Nessa técnica, o psicanalista não fazia nenhuma pergunta, apenas deixava o seu paciente falar livremente de sua vida. A partir disso, observou que em determinados momentos seus pacientes tinham receio ao relatar alguns fatos por se sentirem envergonhados.

Segundo Fadiman e Frager (1986) cada evento mental é causado pela intenção consciente ou inconsciente e é determinado pelos fatos que o ocorreram anteriormente. Para os autores, “uma vez que alguns eventos mentais “parecem” ocorrer espontaneamente, Freud começou a procurar e descrever os elos ocultos que ligavam um evento consciente ao outro” (FADIMAN e FRAGER, 1986, p. 7).

Deste modo, foi tentando compreender os processos que levavam os pacientes a esquecerem de fatos traumáticos que Freud em 1900, publicou “*A interpretação dos sonhos*”, criando a primeira teoria do primeiro aparelho psíquico: **Consciente, pré-consciente** e o **inconsciente**. Para ele, a personalidade do ser humano deve ser compreendida através dessas instâncias psíquicas, elaborando assim uma nova concepção do psiquismo humano.

O consciente é uma instância psíquica, que recebe as informações tanto do mundo externo como interno. Há anos atrás se acreditava que o psiquismo humano era composto apenas pelo

consciente. Ao abordar sobre essa instância psíquica Piletti e Rossato (2011, p. 49) sinaliza que o consciente refere-se “às informações que obtemos e mantemos em nossa lembrança”. Segundo Freud, o consciente é apenas uma pequena parte da mente, abrange tudo o que estamos ciente num dado momento, além disso, o consciente respeita o tempo e o espaço. Freud se interessava mais com as áreas da mente que são menos expostas e que eram menos exploradas, as quais ele denominou de *pré-consciente* e *inconsciente*.

O pré-consciente é uma instância psíquica que se caracteriza por armazenar os conteúdos acessíveis à consciência. Além disso, tem uma parte do inconsciente, que pode tornar-se parte do consciente, isto é, pode ser facilmente lembrada pelo ser humano, é um mediador entre o inconsciente e o consciente e ainda tem por função selecionar o que passa ou não do inconsciente para o pré-consciente.

E por fim, está o inconsciente, para Freud representa a parte central da primeira instância do aparelho psíquico, pois é a parte mais profunda de nossa memória, capta tudo que acontece no nosso cotidiano e guarda os conteúdos, desejos, traumas e pulsões que não estão ao alcance da consciência, ou seja, foram excluídos, e assim reprimidos.

O inconsciente “exprime o conjunto dos conteúdos não presentes no campo atual da consciência. É constituído por conteúdos reprimidos, que não têm acesso aos sistemas pré-consciente/consciente, pela ação de censuras internas” (BOCK, 2009, p. 49). Vale ressaltar aqui que esse material não foi perdido ou se quer esquecido, apenas não há acesso por meio da lembrança. Freud explica que:

Chamamos de inconsciente um processo psíquico cuja existência temos de supor, por que inferimos, digamos, de seus efeitos, mas do que nada sabemos. [...] Para sermos ainda mais precisos, modificaremos da seguinte forma o Enunciado: chamamos um processo inconsciente quando temos de supor que no momento ele está ativado, embora no momento nada saibamos dele. (FREUD, 1930-1936, p. 210).

Com essa descoberta do inconsciente, Freud revoluciona a concepção de homem: o eu não é senhor nem mesmo em sua própria casa. Com isso ele afetou a imagem que o homem tinha de si mesmo, como sendo um ser consciente e capaz de agir tendo a razão como norteadora de suas ações. “O inconsciente segundo Freud, tem a particularidade de ser ao mesmo tempo interno ao sujeito (e a sua consciência) e externo a qualquer forma de dominação pelo pensamento consciente”. (ROUDINESCO E PLON Apud BRAZ, 2015).

Sendo assim, para Freud há muito mais a se analisar, a partir do inconsciente do que pelo consciente. Para o autor, é no inconsciente que se encontra os impulsos e os sentimentos reprimidos,

ou seja, o inconsciente é a “chave mestre” que exerce controle nas ações e pensamentos do consciente humano.

O inconsciente se revela em atos que surpreendem e ultrapassam a intenção daquele que fala, de modo que o sujeito diz mais do que pretende dizer e, ao dizer revela sua verdade. (CORDEIRO Apud NASIO, 2014). Freud afirma que a psicanálise deve dar ênfase a análises do inconsciente, pois é a parte mais profunda da nossa consciência em que estão armazenados conteúdos penosos.

Segundo alguns psicanalistas existem estratégias para burlar a censura que impede que os conteúdos do inconsciente se revelem. Dessa forma, o inconsciente passa a se manifestar através de sintomas, sonhos, atos falhos, lapsos, chistes e da arte tais como, a pintura, a escultura, a música, a dança, o teatro, a poesia, dentre outros. Na sessão seguinte tentamos abordar alguns exemplos de como ocorre à manifestação do inconsciente no nosso dia a dia, com base no livro de Freud “*Psicopatologia da Vida Cotidiana*” (1996) em que ele aborda as manifestações do inconsciente dando enfoque aos atos falhos e lapsos, a partir de exemplos retirados do seu cotidiano.

2.3 Formas de Manifestações do Inconsciente

Conforme foi dito no item anterior o inconsciente se expressa através dos sonhos, chistes, sintomas, atos falhos e produções artísticas. Em “*Psicopatologia da vida cotidiana*” (1901), Freud, ressalta as manifestações do inconsciente através dos atos falhos e lapsos. Dessa forma, notamos como funciona o inconsciente e como geralmente, os atos falhos e lapsos surgem e são comuns em nosso dia a dia.

Nesse estudo Freud discorre a respeito do esquecimento cotidiano de nomes de pessoas, tropeços de determinadas palavras, que chamamos de atos falhos. Para o teórico, nada é por acaso, quando trocamos o nome de um conhecido por outro e/ou esquecemos algo, existe por trás uma explicação para esses acontecimentos. Assim explicita:

Minha preocupação com o fenômeno do esquecimento temporário de nomes nasceu da observação de certas características que podem ser reconhecidas com bastante clareza em alguns casos individuais, embora, na verdade, não em todos. Trata-se dos casos em que o nome não só é *esquecido*, como também *erroneamente lembrado*. Em nosso afã de recuperar o nome perdido, outros - *nomes substitutos* - nos vêm à consciência; reconhecemos de imediato que são incorretos, mas eles insistem em retornar e se impõem com grande persistência. O processo que deveria levar à reprodução do nome perdido foi, por assim dizer, *deslocado*, e por isso conduziu a um substituto incorreto. Minha hipótese é que esse deslocamento não está entregue a uma escolha psíquica arbitrária, mas segue vias previsíveis que obedecem a leis. Em

outras palavras, suspeito que o nome ou os nomes substitutos ligam-se de maneira averiguável com o nome perdido: e espero, se tiver êxito em demonstrar essa ligação, poder esclarecer as circunstâncias em que ocorre o esquecimento de nomes. (FREUD, 1996, p. 7-8)

Segundo o teórico os nomes substitutos, na maioria das vezes, surgem espontaneamente e em outros casos quando isso não ocorre, os nomes são obrigados a emergir através de um esforço, e é quando isso ocorre que os conteúdos reprimidos são revelados. Dessa forma, afirma que existem dois fatores que são decisivos na aparição dos elementos recalçados: o primeiro, é o esforço da atenção e o segundo, é uma condição interna ligada ao material psíquico.

Ao estudar os atos falhos, Freud passou a pensar que através do esquecimento de nomes é possível observar a si mesmo. Para ele, o nome que foi pelo indivíduo retido da consciência mantém relação com algo importante, podendo trazer à consciência certos sentimentos que já haviam sido recalçados e transferidos para o inconsciente.

O nome perdido tocou num “complexo pessoal” em mim. A relação do nome comigo me é inesperada e em geral se estabelece através de associações superficiais (tais como a ambiguidade verbal ou a homofonia); em termos genéricos, ela pode ser caracterizada como uma relação colateral. (FREUD Apud ZURIQUE, 1902, p.20)

Segundo Freud (1996), os nomes esquecidos por nós em alguns momentos, sofrem uma interferência de uma cadeia de pensamentos, isso ocorre inconscientemente antes mesmo da reprodução do nome. Existem principalmente dois tipos de esquecimento de nomes, no primeiro, segundo o autor, “o próprio nome toca em algo desagradável e aqueles em que ele se liga a outro nome que tem esse efeito”(FREUD, 1996, p. 33), ou seja, os nomes podem tornar sua presença incômoda tanto por si só como por algum vínculo associativo.

Através dos casos relatados por Freud em seu estudo, nota-se que os esquecimentos analisados careciam de uma análise minuciosa, pois é ocasionado pelo desprazer de relembrar algo que revela sentimentos angustiantes. Os atos falhos descritos por Freud ao longo deste estudo estão fora do conhecimento do consciente. Deste modo, para descobrir algo sobre esses conteúdos seria necessário um conhecimento mais aprofundado do inconsciente. Ainda sobre os atos falhos Freud afirma:

Nos atos falhos já descritos, também aqui é possível reconhecer dois tipos de processos psíquicos ou a contra vontade se volta diretamente contra a intenção (nos propósitos de alguma importância), ou é essencialmente alheia à própria intenção e estabelece um vínculo com ela por meio de uma associação *externa* (no caso de intenções quase indiferentes). (FREUD, 1901, p. 177)

Diante de todos os casos analisados pelo teórico foi possível observar que todos os pensamentos perturbadores, segundo o autor, se dão através de “moções suprimidas da vida anímica” (p. 177). Para Freud os casos destacados por ele em seu estudo, apresentam conteúdos que por sua vez buscam expressar nos atos falhos pensamentos angustiantes e perturbados, que acabam sendo recalcados para o inconsciente.

Conforme foi ressaltado anteriormente, Freud ao estudar o inconsciente e suas formas de manifestação reitera que a arte é uma dessas formas de manifestação é o ato de criação artística realiza desejos e revelam sentimentos reprimidos. No próximo item procuramos de forma singela analisar essa relação inconsciente e arte, tendo em vista que nosso objeto de estudo está intimamente ligado à análise da produção artística sob o olhar da psicanálise.

2.4 SUBLIMAÇÃO: “A arte é a auto-expressão lutando para ser absoluta”

De acordo com Silva (2017), arte e psicanálise compartilham muitos aspectos em comum, ambas demonstram grande interesse pelos significados dos sonhos, e ainda nutrem certo fascínio pela fantasia e sexualidade. Para Sigmund Freud (1996), a arte estava relacionada à leitura dos significados reprimidos e inconscientes, com base nessa informação, as produções artísticas passam a ser consideradas como sublimação de desejos proibidos.

Dada à relação que a sublimação tem com a arte, vale ressaltar a relevância deste conceito para a criação artística e para o espectador, ouvinte e/ou leitor. Fadiman e Frager (1986) definem sublimação como “o processo através do qual a energia originalmente dirigida para propósitos sexuais ou agressivos é direcionada para novas finalidades, como metas artísticas, intelectuais ou culturais” (p. 18).

Do ponto de vista da criação artística, Nasio (2017) concebe a sublimação como “a transmissão do desejo de criar entre um artista e quem contempla sua obra” (p. 101), ou seja, o artista sublima seus desejos reprimidos através da arte. Concordando com o pensamento de Nasio (2017), Singh (2005) afirma que Freud acreditava existir mecanismos que auxiliavam o controle de instintos e energias, além de canalizar para o lazer e a arte.

Se eu tivesse que resumir minha leitura da teoria freudiana da sublimação, assim a enunciaria: um quadro é uma pulsão sexual tornada visível; uma escultura é uma pulsão sexual tornada palpável; uma melodia é uma pulsão sexual tornada audível; e, para resumir em poucas palavras, toda forma inventada pelo homem é uma pulsão sexual que seu criador tornou perceptível e sugestiva. (NASIO, 2017, p.102)

Assim, notamos que para Freud a sublimação é uma ferramenta essencial ao processo de produção artística, em outras palavras, a arte é a matéria-prima da sublimação. Nessa mesma linha de pensamento Nasio (2017) ressalta que a arte adormece nossa consciência, porém desperta nossos próprios impulsos criadores.

As obras de arte despertavam grande fascínio em Freud, especialmente a literatura. Conforme Silva (2017) Freud se apoiou nos textos literários por se identificar com eles, psicanalizando os escritores e por encontrar também nos personagens modelos perfeitos da sintomatologia neurótica. Frambach (2010) explica que para o teórico, “o escritor da mesma forma que a criança, cria fantasias, nas quais investe energia sexual [...]. O artista ao contrário dos outros, consegue, pela via da sublimação, dar vazão as suas fantasias, através da imaginação que se faz escrita”. (2010, p. 10). Segundo Freud, os textos literários são muito importantes para o entendimento da Psicanálise e seria fundamental também para a compreensão da dinâmica do *inconsciente* (BRAZ, 2015).

Freud, faz algumas menções à arte, umas dizem respeito somente ao artista e ao momento da criação artística e outras se baseiam apenas na arte em si. Sendo assim, a compreensão da arte acontece a partir do entendimento do que se passa na vida do artista que está relacionado com o que ocorre no seu psiquismo no momento de sua criação.

A partir do estudo “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910), Freud apresenta não só as análises de suas obras como também, dados pessoais da vida de Da Vinci criando uma psicobiografia⁴. O teórico ainda reconhece a importância e inteligência do artista, pintor, escultor e inventor. Desse modo, nota-se a admiração que o psicanalista tinha por Da Vinci, no entanto, ele também reconhecia a importância de Shakespeare, Dostoiévski, Goethe, dentre outros.

Sabemos que Freud ao instaurar o conceito do inconsciente deixa claro que não existe coincidência entre o que o indivíduo pensa e/ou diz, entre o que diz e faz, assim como também não há coincidência entre a intenção e o que é expresso. Neste sentido, afirma que é insuficiente compreender os significados de uma produção artística tendo somente as intenções conscientes do artista como base de análise.

Segundo Autuori e Rinaldi (2014) a psicanálise tem uma relação de aprendiz com a arte, uma vez que ela transmite a mensagem do artista, do mundo da ficção para o mundo real. Tenta

⁴ Aplicação de uma teoria da personalidade (ou da subjetividade) ao estudo da vida de um indivíduo, enfatizando um enfoque interpretativo e explicativo para elaborar sua biografia. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/psicobiografia>>.

também compreender os artistas a partir de uma psicologia do autor, ou seja, observando a relação entre os processos de criação artística e os processos psíquicos. Ainda de acordo com as autoras, para Freud o artista fornece as mesmas descobertas da psicanálise, pois quando a psicanálise chega ao psiquismo à arte já tinha passado por lá.

Souza (2012) afirma que Freud viu na arte o poder utópico de transformação, pois a arte era capaz de conduzir a vida e o sujeito humano para lugares impensáveis e era através de sua psicanálise que ele buscava esse resultado. O psicanalista J. D. Nasio (2017) além de ter, assim como Freud, grande interesse pela arte, fez estudos relevantes, no qual, descreve os efeitos que uma obra de arte produz no espectador, como por exemplo, o choro. Segundo Erane Paladino (2017) a produção artística “hipnotiza quem a contempla, ao mesmo tempo em que suscita estado similar de paixão que levou o artista a concebê-la”.

Nasio (2017) através das produções artísticas o nosso inconsciente consegue atravessar a barreira da consciência e assim manifestar os desejos reprimidos do artista. O teórico afirma ainda que a arte é uma forma de fantasiar para o artista, em que o espectador se sente representado, pois a arte é por vezes a representação de uma fantasia/sentimento, que quando exteriorizado se manifesta de forma implícita e sugestiva, em que faz fantasiar tanto quem a produz quanto quem a capta. O estudioso ao longo de sua obra apresenta os mecanismos de defesa criados e desenvolvidos por Freud, em que o artista transforma seus desejos, pulsões e impulsos, na própria arte através da *sublimação*.

Nesse livro, Nasio (2017) destaca a existência de algumas formas de produção artísticas, como a música, a pintura, a dança, dentre outras. E em cada uma existem conteúdos implícitos que foram recalcados, mas que podem ser interpretados sob uma perspectiva psicanalítica. A partir de algumas leituras deste estudo, percebemos que ao nos depararmos com a sublimação de pulsões em uma obra algumas vezes fazemos associações entre a obra e o artista.

O teórico apresenta grandes artistas em seu estudo, dentre eles encontramos Maria Callas, um dos grandes nomes da ópera do século XX. Para a renomada cantora tudo que é necessário saber sobre ela está em sua música. Ao comentar sobre a produção dessa artista, Nasio (2017) apresenta alguns fatos da infância da soprano, e ressalta a importância da música como amenizadora das dores e angústias, é revelado o papel de sua arte para o espectador que é tocado através de suas músicas.

Outro grande artista citado por Nasio (2017) é Félix Vallotton, pintor suíço, que representa o seu inconsciente através de sua arte buscando entender a fonte de sua inspiração. O teórico analisa os quadros de Vallotton através dos seus quadros, retrata personalidade do pintor e de alguns fatos marcantes presentes em sua trajetória, pois é por meio da arte que o pintor se expressa e transforma

suas angústias reprimidas em imagens magníficas, as quais expõem fantasias que não conseguiu realizar em vida.

Diante disso Nasio afirma:

A psicanálise não é arte, mas tem profundas afinidades com ela. O que é um artista? É em Félix Vallotton que penso para formular minha definição. Um artista é um homem que enxerga melhor do que os outros, mais longe que os outros, pois enxerga a realidade crua e sem véus. Percebe todas as coisas em sua inocente nudez, tantos as formas, cores e sons como as mais sutis vibrações da vida afetiva. (NASIO, J. – D., 2017, p. 25)

Sendo assim, compreendemos que ver com olhos de um pintor é enxergar a realidade com mais sensibilidade, isso porque não percebemos, mas as nossas emoções são captadas de diferentes maneiras. A função do artista é fazer com que possamos enxergar algo que nos passa despercebidos, ou seja, o artista produz a partir de seu inconsciente e nós, espectadores, contemplamos e interpretamos as obras de artes com o nosso inconsciente.

Ainda comentando sobre a pintura, Nasio (2017) fala de Francis Bacon e de seu fascínio por Velasquez, pelo retrato do Papa Inocêncio X. Ao falar de Bacon, o teórico ressalta a relação entre a obra dele, cabeça VI, e a de Velasquez, a qual buscava incansavelmente repetir a mesma perfeição. Essa atitude fez com que Bacon se tornasse um grande pintor, porém frustrado, a obra de Bacon diferentemente de sua pretensão representava um grito silencioso absorvido que ecoa na mente.

Além de falar de Félix Vallotton e de Francis Bacon, Nasio (2017) fala sobre Picasso, em especial refere-se a sua obra *A menina com a pomba*, o autor apresenta o caso de uma paciente, na qual é feita uma comparação entre a menina à tela pintada por Pablo Picasso e seu caso clínico. Durante uma sessão em seu consultório, Nasio (2017) pede para que a paciente fale sobre as bonecas, tentando encontrar uma representação importante das bonecas na infância. Vejamos a afirmação a seguir:

[...] Eu não tinha bonecas, o que eu tinha eram bonecos bebês, bebês duros, e não flexíveis e macios como os de hoje. Ah” Lembro-me agora, havia um boneco de outro tipo. Não era realmente um boneco, mas uma criança pintada numa tela. Uma menina triste, com olhos tristes e assustados e uma pomba na mão”. (NASIO, 2017, p.87)

O autor surpreendido pela declaração da cliente, afirma que os olhos tristes da menina da tela eram os mesmos olhos vistos por ele chorando, durante aquela sessão. Para ele, a relação entre os olhos das meninas, a pintada na tela e a paciente, eram iguais aos da pomba, olhos tristes que

chamaram a atenção do teórico que ficou surpreendido pela coincidência daquele momento. A imagem de tristeza pintada por Picasso acompanhou a menina durante toda sua infância, a mesma, que segundo o autor “viveu sob a influência de um quadro que a inoculou com sua tristeza”.

Como vimos a partir do exposto de Nasio (2017) em seu novo estudo apresenta a relação da psicanálise com a pintura, com música e a dança, as manifestações artísticas são exteriorizadas de modo subjetivo, em que os impulsos e angustias dos artistas são colocados na arte de forma sutil.

A partir dos conceitos e concepções freudianas sobre o psiquismo humano apresentado nos itens anteriores, faremos no próximo capítulo, uma análise dos poemas de Fernando Pessoa: *Sou um evadido*, *Não sei quantas almas tenho*, *Autopsicografia*, *Todas as cartas de amor são ridículas*, buscando compreender de forma mais aprofundada e elucidativa a relação entre inconsciente e as produções poéticas.

CAPÍTULO II

**POESIA E O INCONSCIENTE: “TODA POESIA REFLETE
O QUE A ALMA NÃO TEM”**

3. Algumas Considerações sobre a Poesia e Poema

Segundo Paz Apud Moisés (1956) “(...) considera-se poema toda composição literária de índole poética, um organismo verbal que contém, suscita ou segrega poesia”. Então seria o poema a manifestação concreta da poesia tudo que lemos na tela ou no papel em forma de versos.

Ao longo dos anos, estudiosos literários tais como Moisés (2003) se questionavam a respeito do conceito de poesia, não havia consenso sobre quais seus limites constitutivos; várias concepções foram elaboradas, porém nenhuma foi considerada definitiva. Conforme Moisés (2003) os estudiosos germânicos com base em abordagens filosóficas e estéticas, afirmaram que “a poesia seria o núcleo residual e essente⁵ de toda manifestação artísticas” (p.82), ou seja, a poesia seria o núcleo de toda produção artística e estaria presente na música, na dança, na pintura, na escultura e na arquitetura, em qualquer lugar.

De acordo com o autor, a própria literatura tem como centro a poesia e, dessa forma, todos os artistas seriam poetas. Desse modo, a poesia não seria uma forma autônoma de arte, pois estaria representada em todas as manifestações artísticas, não sendo capaz de individualizá-la. Segundo Paz (1982) o poema é uma obra de arte. Em contrapartida, o autor destaca que a poesia se polariza, se congrega e se isola num produto humano, seja ele um quadro, uma canção ou uma música. O poético é a poesia em estado amorfo, o poema é a criação, o encontro entre o homem e a poesia.

Para o referido autor o poeta só existe um centro que é ele e, “sua atitude de debruçamento sobre si próprio”. Desse modo, Moisés (2003) define poesia como “a comunicação, a expressão do eu” (p.82). A partir dessas afirmações, observamos que existe uma dificuldade em apresentar um conceito completo do que seria poesia. Todavia percebemos que os teóricos a partir dessas elucidações compreendem a sua importância. Conforme ressalta Eliot Apud Bosi (2007) “A poesia, pode ajudar a romper o modo convencional de perceber e de julgar [...] e faz ver às pessoas o mundo com olhos novos ou descobrir novos aspectos deste” (p.31), a poesia nos proporciona uma visão mais ampla do nosso ser o do que se acontece em nossa volta.

No ensaio “O poeta e o fantasiar” (1996) Freud ressalta que o trabalho do poeta parece retomar a invenção do brincar infantil do artista quando criança, pois como sabemos ao se tornar

⁵ **Essente:** Trata-se de um termo de caráter filosófico que está de fato relacionado com o substantivo **essência**. Em português, **essente** é um neologismo, filologicamente incorreto, cuja formação e sentido foram induzidos pelo uso filosófico de *essência*, [...] *Essente* é aquilo que na situação existencial concita o homem a fazer a sua própria *essência*. Disponível em: <<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-palavra-essente-filosofica/26928>>.

adulto há uma renúncia do prazer que a brincadeira trazia, em prol das responsabilidades da vida da adulta. Para o psicanalista:

Toda criança brincando se comporta como um poeta, na medida em que ela cria seu próprio mundo, melhor dizendo, transpõe as coisas do seu mundo para uma nova ordem, que lhe agrada (FREUD, [1856-1939] 2015, p. 56).

Portanto, é na brincadeira que a criança tem o fundamento do ato criativo, uma vez que, tem a liberdade e o talento para a transformação. Em *escritores criativos e devaneio* (1996), Freud distingue o brincar infantil do fantasiar. A criança quando brinca se comporta como o escritor criativo, pois cria o seu próprio mundo, o escritor criativo faz o mesmo que a criança que brinca, cria um mundo de fantasia que é levado a sério. Freud diz que a obra literária, assim como o devaneio, é uma continuação, ou um substituto, do que foi o brincar infantil.

A verdadeira satisfação que usufruímos de uma obra literária procede de uma libertação de tensões em nossas mentes. Talvez até grande parte desse efeito seja devida a possibilidade que o escritor nos oferece de, dali em diante, nos deletarmos em nossos próprios devaneios, sem auto-acusações ou vergonha. (FREUD, [1906-1908] 1996, p. 143).

Através da arte que podemos realizar nossas fantasias sem represálias. Para Freud ao fantasiar o mundo criativo, um mundo no qual possa realizar seus desejos, o escritor apresenta consequências significativas para a elaboração de sua arte, pois os aspectos do mundo criativo exercem grande influência no mundo real e que se esses aspectos fossem reais, não causariam prazer, pois este prazer é proporcionado através da fantasia.

Cavalcanti (2014) assim como Bosi (2007) afirmam que a poesia pode revelar tudo aquilo que está “invisível” a nossa realidade, tem ainda o poder de sintetizar em poucas palavras o que muitas vezes está dito em muitas páginas. Já na perspectiva psicanalítica, conforme foi dito anteriormente, Freud (1996) sinaliza que assim como no ato de brincar a criança usa sua criatividade e imaginação, o escritor ao fantasiar em suas produções poéticas realiza seus desejos.

3.1 Fernando Pessoa: A biografia de um “desconhecido de si mesmo”

Os poetas não têm biografia. A sua obra é a sua biografia. Pessoa, que duvidou sempre da realidade deste mundo, aprovaria sem vacilar que se fosse diretamente aos seus poemas, esquecendo os incidentes e acidentes da sua existência. Nada na sua vida é surpreendente — nada, exceto os seus poemas.

(Octavio Paz Apud Pais (1996) em *Fernando Pessoa, o desconhecido de si mesmo*)

Fernando Antônio Nogueira Pessoa nasceu no dia 13 de junho de 1888, em Lisboa. Por ter nascido no dia de Santo Antônio, que antes de ser Frade se chamava Fernando, seus pais deram-lhe o nome de Fernando Antônio, porém alguns anos mais tarde ele criou para si dezenas de nomes diferentes (MOISÉS, 1980).

Segundo Jorge Alberto (2009), Fernando Pessoa aprendeu a lidar com a dor da perda muito cedo. Seu pai, Joaquim de Seabra Pessoa, funcionário público, um homem culto, amante da música e do teatro, morreu em 1893, quando Pessoa tinha apenas 5 anos de idade. Em 1895, sua mãe Maria Magdalena Pinheiro Nogueira, mulher culta, voltou a casar-se com o comandante João Miguel Rosa que foi mandado para o cônsul em Durban, na África do Sul.

Devido à mudança de emprego de seu padrasto para à África do Sul, Fernando Pessoa passa a morar em Durban e foi educado de acordo com os padrões britânicos. Quando tinha 10 anos ingressou na escola de West Street em Nova York onde estudou em apenas três meses o que correspondia a cinco anos letivos, dois anos depois começou a escrever poemas na língua inglesa e como aluno brilhante chegou a ganhar o prêmio de redação em Inglês.

Moisés (1980) afirma que ao completar 17 anos, Pessoa retorna para Lisboa sozinho e se matricula na Faculdade de Letras para cursar Filosofia por algum tempo. E então passa a se dedicar a estudar sua cultura e a literatura natal, passou a ler os clássicos da literatura portuguesa tais como: Cesário Verde, Antero Quental e, principalmente Camões. Após algum tempo do seu retorno à Lisboa, passou a escrever poemas na sua língua de origem, e assim passou a ser correspondente estrangeiro.

No que diz respeito à vida afetiva de Fernando Pessoa, Giron (2013) afirma que o poeta conheceu em março de 1920, Ophélia Queiroz, datilógrafa, a única namorada que se sabe que o poeta teve. O romance durou apenas oito meses, e durante esse período trocaram muitas correspondências, o poeta sofreu uma crise depressiva e precisou ser internado em uma casa de saúde.

Segundo Jorge Alberto (2009) alguns anos mais tarde, reatou seu romance com Ophélia por mais dois anos, nessa mesma época fundou a revista Athena e a Editora Olisipo. O álcool se fez presente durante muitos anos de sua vida, foi sua inspiração na escrita literária e, entretanto, foi também o causador de sua morte. Em novembro de 1935, foi internado no Hospital de São Luís dos Franceses devido a uma suposta cirrose hepática, e veio a óbito após dois dias internado. Segundo Alberto (2009) as últimas palavras desse poeta célebre foram escritas em inglês com a seguinte frase: “I know not what tomorrow will bring” (Eu não sei o que o amanhã me reservará).

De acordo com Moisés (1980) Fernando Pessoa tinha uma personalidade complexa, talvez seja uma das figuras mais emblemática da literatura portuguesa, tanto que para o referido autor não seria possível compreendê-lo, pois mesmo depois de décadas de sua morte é cedo para atribuir-lhe toda a importância e significado encontrada em sua arte.

3.2 “Não sei o que é conhecer-me”: Fernando Pessoa e os heterônimos

Conforme vimos no item anterior, Alberto (2009) diz que Fernando Pessoa morava em Durban, África do Sul, e estudou no Western Technical-Commercial School, e já se interessava pela escrita literária de Milton, Shelley, Keats, Shakespeare entre outros. Nesse período escreveu os seus primeiros poemas, na língua inglesa, além de ter iniciado a criação dos primeiros esboços de seus heterônimos⁶.

De acordo com Jorge Alberto (2009) o modernismo português surge diante de contexto da renovação política e do ressurgimento do nacionalismo lusitano, o que ocasionou o surgimento de duas correntes: os saudosistas e os integralistas de mentalidade fascista. Para o teórico, a literatura modernista contribuiu para a atualização do país, no que se refere às transformações artísticas que surgiram na Europa.

Segundo Puccini (2008), o modernismo em Portugal, teve seus primeiros passos em 1910, em uma época marcada pela instabilidade política, devido à mudança do regime monárquico para o regime republicano. Todavia somente em 1915, após a publicação da revista Orpheu, ocorreu de fato o início de novo movimento literário, que tinha por objetivo revolucionar e atualizar a cultura portuguesa, sendo liderado por Mário de Sá Carneiro, Fernando Pessoa, Luís de Montalvor e Almada Negueiros.

Para o autor supracitado, foi em Portugal que o modernismo surgiu com uma poesia alucinada, desafiadora e importuna, cujo objetivo era desestabilizar a ordem política, social e econômica vigente naquela época. Influenciado pela Primeira guerra mundial, pelas guerras da revolução Russa e pelas vanguardas europeias⁷, alguns escritores como Mário de Sá Carneiro,

⁶ **Heterônimo:** Nome fictício é uma maneira encontrada por escritores para que possam escrever obras usando um estilo completamente diferente do que ele usaria usualmente. Disponível em: < <http://valerumlivro.com.br/heteronimo-o-que-e/>>.

⁷ Chamamos de **vanguardas europeias** o conjunto de tendências artísticas vindas de diferentes países europeus cujo principal objetivo era levar para a arte o sentimento de liberdade criadora, a subjetividade e até mesmo certo irracionalismo, sobretudo em um contexto em que as correntes filosóficas de cunho positivista influenciavam toda produção artística da época. Disponível em: <<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/literatura/vanguardas-europeias.htm>>.

Almada Negreiros, entre outros, através de sua arte abordavam temas como: inconformismo, instabilidade, ânsia de ruptura com o passado e algumas ideias futuristas, na qual, dava ênfase ao seu próprio país. Desse modo, uma grande agitação cultural foi se espalhando pela Europa, e o rompimento de conceitos enraizados, entretanto ultrapassados, foi ganhando espaço através da reinterpretação da realidade feita pelos artistas, da sátira a costumes arcaicos e de avanços tecnológicos.

Conforme ressalta Puccini (2008) alguns estudiosos literários dividem o modernismo português em três fases: a primeira, foi intitulada de *orfismo*, ganhou esse nome por causa dos escritores da revista Orpheu, a segunda fase é chamada de *presencismo*, formada por quem não aderiu ao orfismo e fundadores da revista Presença. Os escritores dessa fase, buscavam discutir sobre a teoria da literatura em Portugal e novas maneiras de expressão que estavam surgindo. A terceira fase é denominada de neo-realismo, combatia o fascismo e defendia a literatura como crítica social, era próxima do realismo brasileiro, que tinha por intuito ser um alerta e tirar as pessoas da passividade.

Fernando Pessoa, um dos poetas mais consagrado, pertencia a primeira fase do modernismo português, chamada de *orfismo*. Para Moisés (1980) “[A revista] Orpheu, é um exílio de temperamentos de arte que a querem como a um segredo ou tormento” (p.328), o objetivo desses poetas era formar um grupo de pessoa que seguissem os ideais esotéricos de produzirem obras obscuras. Para Fernando Pessoa Apud Moisés (1980) o proposto do grupo liderado por ele era “Criar uma arte cosmopolita no tempo e no espaço [...] a verdadeira arte moderna tem de ser maximamente desnacionalizada – acumular dentro de si todas as partes do mundo” (p. 328), esse grupo de escritores queriam se desnacionalizar e fundar uma arte com características de outros países para trazer para Portugal.

Fernando Pessoa é um dos mais influentes escritores do modernismo português e a partir de seus heterônimos obteve reconhecimento, não só em Portugal. Estudiosos como Puccini (2008), Alberto (2009) e Moisés (1980) afirmam que o poeta assinou textos com dezenas de nomes diferentes, há quem considere que os heterônimos são pessoas físicas, entretanto, os principais, conforme ressalta Alberto (2009), são apenas três, isso porque, foram os únicos que ele escreveu a biografia.

Os heterônimos são formas de conhecer e abordar a complexidade do real, que seria impossível para uma única pessoa. Na verdade, são personalidades criadas pelo próprio Fernando Pessoa e cada um tem seu próprio estilo e ideias que se distinguem uns dos outros. Conforme

ressalta Moisés (1980) Pessoa possuía dezenas de heterônimos, dentre os mais importantes estão: **Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos e Bernardo Soares**, que é na verdade chamado de anti-heterônimo, tendo em vista que foi criado para fazer críticas aos demais.

Para Moisés, Alberto Caeiro é considerado o mais importante dos heterônimos de Fernando Pessoa. Considerado como o poeta do campo, seus escritos são caracterizados pela objetividade e simplicidade. Já Ricardo Reis um dos mais excêntricos se caracteriza por buscar a paz e o equilíbrio através de doutrinas, tais como o *Carpí diem*. Temos ainda Álvaro de Campos um dos mais conhecidos heterônimos surge diante dos impulsos de Fernando Pessoa, e se caracteriza por ressaltar a modernidade e o progresso. E por fim temos Bernardo Soares, um anti-heterônimo do poeta, isso porque as características da personalidade dele refletiam a de Fernando Pessoa, chegando a ser diversas vezes confundido com o próprio poeta.

No próximo item estaremos fazendo as análises, sob o olhar psicanalítico, dos poemas de Fernando Pessoa selecionados para esse estudo, porém consideramos importante que antes de iniciarmos as análises, fosse feita uma breve, mas necessária, exposição movimento literário ao qual escritor pertencia.

3.3 “Nenhum ser humano é capaz de esconder um segredo. Se a boca se cala, falam as pontas dos dedos”

As poesias escritas pelo poeta tem como tema principal o *saudosismo*, que retratava uma admiração excessiva por aspectos do passado, em contrapartida seus heterônimos escreveram sobre outros temas, como Alberto Caeiro enfocando o campo, Ricardo Reis refletia sobre o *Carpí Diem* e Álvaro de Campos retratava a modernidade.

Para uma melhor organização do trabalho fizemos da seguinte forma: no primeiro item temos as análises dos poemas ortônimo de Fernando Pessoa, eram assinados com seu nome verdadeiro como: *Sou um evadido, Não sei quantas almas tenho e Autopsicografia*. Em outro item temos a análise do poema de Álvaro de Campos, *Todas as cartas de amor são ridículas*.

3.3.1 Os Poemas de Fernando Pessoa: “O nada que é tudo”

Fernando Pessoa criou sua própria vanguarda, e transitou do saudosismo para o **Paulismo**⁸, que tinha poemas voltados para o obscuro, depois passou para o **Interseccionismo**⁹, com poemas em que havia a junção entre a emoção e a sensação, e por último, o **Sensacionismo**¹⁰, com poemas que expressavam sensações puras. Essas três formas eram uma espécie de aperfeiçoamento da poesia saudosista que revelava uma tristeza profunda e a necessidade de se completar. Para Moisés (1980) o poeta atingia essas categorias líricas, “via duma consciente intelectualização daquilo que no Saudosismo era apenas nota instintiva e emotiva” (p.332). Abaixo faremos a análise do poema “*Sou um evadido*”, que apresenta tema saudoso, é o ortônimo de Fernando Pessoa, o título já apresenta uma metáfora “Sou um evadido”, vai trazendo, de forma, fragmentada alguns traços dos sentimentos e conflitos do poeta.

‘Sou um evadido.

*Sou um evadido.
Logo que nasci
Fecharam-me em mim,
Ah, mas eu fugi.*

*Se a gente se cansa
Do mesmo lugar,
Do mesmo ser
Por que não se cansar?*

⁸ **Paulismo** é uma **invenção de Pessoa** cujo nome deriva do poema “Impressões do crepúsculo”. O Paulismo é um refinamento dos processos simbolistas, um estilo que se define pela voluntária **confusão** do **subjectivo** e o **objetivo**. Disponível em: < http://lusofonia.x10.mx/literatura_portuguesa/FP_ortonimo.htm>.

⁹ **Interseccionismo** O Interseccionismo deriva do **Paulismo**, supõe a adaptação deste às novas correntes estéticas: **Futurismo: sobreposições dinâmicas**, técnica procedente da **pintura** que se aplica à poesia modernista. **Cubismo: sobreposição dos planos** dos objectos (presente e passado, real e onírico), que reflecte a superposição das sensações. O poema “Chuva oblíqua” (publicado na revista *Orpheu*) é considerado o **exemplo** mais **significativo** do Interseccionismo. Disponível em: < http://lusofonia.x10.mx/literatura_portuguesa/FP_ortonimo.htm>.

¹⁰ **Sensacionismo** (Walt Whitman) é criado por Pessoa e Mário de Sá-Carneiro e supõe uma arte sem regras que tenha como base a **sensação**. O mesmo Pessoa explica em diversos textos em que consiste, assim diz-nos que os três princípios da arte são: O da **sensação**: as sensações devem ser plenamente expressas. O da **sugestão**: a expressão das sensações deve evocar o maior número possível de outras sensações. O da **construção**: o assim produzido deve parecer-se a um ser organizado. Disponível em: < http://lusofonia.x10.mx/literatura_portuguesa/FP_ortonimo.htm>.

*Minha alma procura-me
Mas eu ando a monte,
Oxalá que ela
Nunca me encontre.*

*Ser um é cadeia,
Ser eu não é ser.
Viverei fugindo
Mas vivo a valer.*

A primeira estrofe “Logo que nasci/ Fecharam-me em mim/ Ah, mas eu fugi”, podemos relacionar a exposição do eu-lírico com fatos que aconteciam durante a infância de Pessoa, a perda do seu pai aos cinco anos de idade e, dois anos depois, o novo casamento de sua mãe, que veio acompanhado de mais uma brusca mudança na vida do jovem poeta. Analisando os versos a partir das elaborações teóricas de Freud (1996) esses fatos podem ter ocasionado a Fernando Pessoa um trauma na infância, esse conteúdo foi capturado da consciência para o seu inconsciente e, anos mais tarde, o poeta encontra através da poesia uma forma de sublimar sua dor.

No final da primeira estrofe, é ressaltado pelo eu-lírico que ele conseguiu fugir, e na estrofe seguinte “Se a gente cansa/ Do mesmo lugar,/ Do mesmo ser”, retrata o cansaço de está no mesmo lugar e de ser sempre ele mesmo, e que nos faz pensar que os heterônimos, são personalidades que o ajudaram a superar a prisão na qual residia, porém fizeram com que ele se perdesse de si mesmo. Na última estrofe quando escreve “Ser um é cadeia,/Ser eu não é ser./Viverei fugindo/Mas vivo a valer.”, revela que os heterônimos, o tornaram muitos “eus” e, ele não conseguia mais ser um único ser, e que não queria ser um só.

Conforme afirma Freud “chamamos um processo inconsciente quando temos de supor que no momento ele está ativado, embora no momento nada saibamos dele”, (FREUD, 1996, p. 210), ou seja, podemos supor a existência do inconsciente, mas nada se sabe dizer sobre ele. Na poesia algo marcante destacado é que fugimos de nós mesmos, poucas pessoas gostariam de saber o que existe no seu inconsciente e esses conteúdos só seriam revelados mediante a fuga da censura, das regras ou das normas. Percebemos conflito entre o consciente e o inconsciente, existe no eu-lírico uma resistência a revelações do que teria armazenado no seu inconsciente e a partir desse embate, sem perceber, surge alguns traços de seus desejos reprimidos e traumas, guardados no inconsciente.

Assim como acontece com a criança em crescimento que substitui o brincar pelo fantasiar, quando adulto nos envergonhamos de nossas fantasias e as escondemos da sociedade por serem

proibidas, porém de alguma forma essas fantasias emergem. E o poeta a expressa através de sua poesia.

Na construção desse poema, Pessoa sublimou os conteúdos reprimidos do inconsciente encontrou uma forma de burlá-lo, e isso fica explícito ao demonstrar naturalidade em ter várias personalidades dentro de si, pois afirma que só conseguiria uma vida plena se continuasse fugindo de si mesmo através de sua arte.

Como foi dito em nosso aporte teórico, Freud (1996), afirma que a arte estava intimamente ligada a leitura dos significados reprimidos e inconscientes, devido a esse fato as produções artísticas passam a serem consideradas como sublimação de desejos proibidos.

O poema abaixo, também foi escrito por Fernando Pessoa, o ortônimo, alguns estudiosos afirma que obra e a vida do poeta se confundem, isso porque em seus poemas expressa seus sentimentos mais profundos armazenados no seu inconsciente, como afirma Freud (1900) é através das produções artísticas que esses fragmentos do inconsciente vêm à tona.

Não sei quantas almas tenho

Não sei quantas almas tenho.

Cada momento mudei.

Continuamente me estranho.

Nunca me vi nem achei.

De tanto ser, só tenho alma.

Quem tem alma não tem calma.

Quem vê é só o que vê,

Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,

Torno-me eles e não eu.

Cada meu sonho ou desejo

É do que nasce e não meu.

Sou minha própria paisagem,

Assisto à minha passagem,

Diverso, móbil e só,

Não sei sentir-me onde estou.

*Por isso, alheio, vou lendo
 Como páginas, meu ser.
 O que segue não prevendo,
 O que passou a esquecer.
 Noto à margem do que li
 O que julguei que senti.
 Releio e digo: <<Fui eu?>>
 Deus sabe, porque o escreveu.*

Na primeira estrofe quando o eu-lírico diz “Não sei quantas almas tenho/Cada momento mudei/Continuamente me estranho”, ele não se reconhece mais, foi se perdendo em meio aos heterônimos, e assim tornando-se um estranho para ele mesmo. Refletindo esse poema a partir dos conceitos freudianos, recorreremos a teoria do aparelho psíquico e sua divisão da mente em partes. Nessa perspectiva, há uma clivagem da subjetividade em consciente e inconsciente o que significa dizer uma duplicidade de sujeito numa mesma pessoa. Daí a conhecida inversão lacaniana da máxima de Descartes: “Penso onde não sou, portanto sou onde não me penso” O cogito não é o lugar da verdade do sujeito, mas do desconhecimento. O poema apresenta-nos como esse conflito psíquico entre o que se conhece de si mesmo e aquilo que desconhecemos: o estranho que nos habita e domina parte de nossas ações.

Segundo Alves (2011) as ações do homem não são de sua total consciência, como o próprio Freud afirma “não somos donos de nossa própria casa”, ou seja, não somos capazes de controlar os impulsos reprimidos. Segundo Alves (2011) Freud a partir da frase de Lacan, “Sou onde não penso, penso onde não sou” é sinalizada uma identidade mais profunda. Na visão freudiana seria um eu obscuro, desconhecido e que habita nas entranhas do inconsciente. Na sentença “*penso onde não sou*”, percebemos que as verdades que tanto afirmamos, podem estar travestidas, mascaradas e invertidas.

Quando o eu-lírico afirma “De tanto ser, só tenho alma”, dá ênfase a divisão do corpo e da alma, ele não tem mais vida para ele existe apenas a sua alma, marcando uma importante característica a ser destacada em sua obra. Pessoa enxerga na inteligência vantagens e desvantagens e afirma “Quem tem alma não tem calma”, para ele era impossível conciliar, pensar e viver a vida, pois se pensava ou se vivia e essa indagação o deixava inquieto.

Essa inquietação se faz presente na estrofe seguinte, os heterônimos criados pelo poeta, surgem da sua necessidade de viver. Em sua produção artística ele parece encontrar uma forma de expressar suas sensações, emoções, dilemas. Através da sublimação realiza desejos e fantasias que no mundo real não seriam realizados.

No final dessa estrofe é evidenciado que o eu-lírico, é “diverso e móbil e só”, sua personalidade se apresenta como multifacetada. E essa multiplicidade de pessoas em uma, emergem em seus escritos embora pareça não se encontrar em nenhuma das faces que o compõe, sente-se solitário e perdido de si mesmo.

Ao final dessa estrofe encontramos outro trecho marcante “Não sei sentir-me onde estou”, essa afirmação dá ênfase às suposições freudianas sobre os conteúdos reprimidos no inconsciente que se manifestam nas poesias. Parece-nos que a poesia expressa sentimentos que causavam estranheza, alguém que escolheu se desfazer de tudo, se esconder da vida. Sabemos que o inconsciente é visto por Freud (1996) como um estranho que nos habita. Conforme já vimos no capítulo I, o inconsciente é a parte mais profunda da nossa mente e de forma velada influencia nossas escolhas, organiza memórias, desejos e vivências que preferimos esquecer. Em outras palavras, para a psicanálise, somos seres possuidores de um universo de desejo e necessidades que não conhecemos. Tudo que pensamos e queremos é apenas uma parte do que realmente somos. Deste modo, nossas escolhas conscientes são profundamente influenciadas pelas energias inconscientes reprimidas.

A última estrofe confirma o que foi dito de início, a vida e obra de Pessoa se fundem e formam uma só. Ao afirmar “Por isso, alheio, vou lendo/ Como páginas, meu ser”, percebemos que é através de sua escrita que o poeta tenta se encontrar. A forma metafórica na qual o eu-lírico se coloca no decorrer do poema como apenas uma página do livro que é sua vida, também reforça essa ideia, além de demonstrar que o eu-poético, não se reconhece mais.

Assim como os dois poemas analisados anteriormente o próximo foi escrito pelo ortônimo de Fernando Pessoa: Autopsicografia que é constituído por três estrofes:

Autopsicografia

*“O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente*

*Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

*E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.*

*E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração”*

Podemos interpretar o poema acima apresenta quatro dores, a primeira é a dor do poeta (verdadeira), a segunda dor é a fingida pelo poeta, a terceira é a dor real do leitor e a quarta é a dor lida, a que provoca emoção através da poesia.

Na primeira estrofe o eu-lírico apresenta as três dores, a dor do poeta, que encontramos logo no início do poema, “O poeta é um fingidor”, a segunda dor é encontrada logo após, “Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor”, essa é dor que o poeta finge. E no final do verso, nos deparamos com a terceira dor, “A dor que deveras sente”, ou seja, é a dor real que o leitor sente depois de apreciar um poema.

Na segunda parte o eu-poético retrata que o leitor não sente a dor real, e nem a dor fingida, o leitor sente apenas a dor lida que vem a tona na poesia carregada de emoção. A leitura de uma poesia afeta o leitor produzindo emoções que o atravessam em forma de lágrimas, tristeza, angústia, sofrimento. As reações do leitor, na visão psicanalítica, também estão relacionadas com o inconsciente. Tendo a psicanálise como fio condutor desse estudo, podemos dizer que o inconsciente do poeta conduz a sua produção poética e o inconsciente do leitor também é determinante na interpretação de um poema bem como nas sensações e sentimentos que são despertados.

Ao final do poema, fica explícito a sensibilidade de Fernando Pessoa por meio do eu-lírico, ao relatar que a poesia surge do coração, local onde armazenamos nossas emoções. O título do poema nos faz pensar que o poeta tenta explicar como se dá o processo psíquico da escrita de um

poema. Sabemos que para Freud (1996) as produções artísticas por sua complexidade não são fáceis de serem explicados. Para o teórico, seria necessário mergulhar na vida do artista primeiro, ou seja, é preciso de antemão mergulhar no inconsciente do artista e assim interpretar, qual acontecimento de sua infância foi sublimado e retratado na sua arte, como ocorre nas produções artísticas de Pessoa. Conforme afirma o autor, não há produção artística sem a manifestação do inconsciente, podemos compreender essa questão de forma bem elucidativa a partir de Nasio (2017) quando diz que na produção artística, o sujeito adormece a sua consciência, e desperta impulsos criadores.

Para reforçar essa questão é importante destacar que as obras de arte despertavam grande fascínio em Freud, especialmente a literatura. Conforme Silva (2017) Freud se apoiou nos textos literários por se identificar com eles, psicanalizando os escritores e por encontrar também nos personagens modelos perfeitos da sintomatologia neurótica.

3.3.2 “Quanto amei ou deixei de *amar* é a mesma saudade em mim”

Álvaro de Campos é considerado o heterônimo mais conhecido de Fernando Pessoa, o único a apresentar fases poéticas, nasceu em Tavira, no dia 15 de outubro de 1890, teve uma educação de Liceu¹¹, dita de vulgar por Fernando Pessoa, foi enviado para a Escócia para estudar engenharia, primeiro estudou a mecânica e depois a naval, como afirma o próprio Pessoa. De maneira geral os poemas escritos por Campos realçam a civilização moderna e o progresso.

Todavia deve ser ratificado nesse estudo que Álvaro de Campos tem seu estilo poético dividido em três fases: A primeira é a **decadentista**, caracterizada por apresentar uma visão pessimista do mundo, a segunda fase é intitulada de **Futurista/sensacionalista**, marcada pelo seu interesse por máquinas e pelo progresso, e por último, temos a **intimista/pessimista**, na qual nos deparamos com a solidão, nostalgia, frustração e a incapacidade de amar demonstrada pelo poeta. Os poemas de Campos escolhidos para análise se detém apenas a fase intimista/pessimista, em que encontramos um eu-lírico solitário e angustiado. Vamos à análise:

Todas as cartas de amor

Todas as cartas de amor são

¹¹ Mais informações: <<https://cld.pt/dl/download/048075a7-18aa-4631-93aa-5e5c14b55b4b/%C3%81LVARO%20DE%20CAMPOS-resumo.pdf>>.

Ridículas.

Não seriam cartas de amor se não fossem

Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,

Como as outras,

Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,

Têm de ser

Ridículas.

Mas, afinal,

Só as criaturas que nunca escreveram

Cartas de amor

É que são

Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia

Sem dar por isso

Cartas de amor

Ridículas.

A verdade é que hoje

As minhas memórias

Dessas cartas de amor

É que são

Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,

Como os sentimentos esdrúxulos,

*São naturalmente
Ridículas.)*

O poema acima foi escrito por Campos por volta de 1935, foi construído em 28 versos, porém a forma que foi estruturado confunde o leitor, pois a sua estrutura não tem o mesmo padrão encontrado em outros poemas escritos por Campos. Ao invés disso, o poema apresenta uma característica clássica do modernismo de Portugal, o poema apresenta semelhanças com o texto corrido devido à estrutura de seus versos.

Identificamos que o trecho, “Todas as cartas de amor são ridículas” é repetido por diversas vezes, esse artifício é supostamente usado para que através da repetição, essa aflição do eu lírico possa convencer o leitor que está sendo dito.

Nas duas primeiras estrofes encontramos uma sátira do poeta as cartas de amor, inclusive ao amor em si, além de menosprezar talvez por não recebê-las, ou até mesmo, por recebê-las. Entretanto, no trecho “As cartas de amor, se há amor,/ Têm de ser ridículas” fica explícito que o fato das cartas serem dita pelo eu-lírico, como ridículas não é ruim e o eu lírico aqui representado nos fala que já escreveu cartas de amor. Depois dessa afirmação, o eu lírico relembra o passado e revela melancolia diante das lembranças antigas, vejamos: “Quem me dera no tempo em que escrevia/ Sem dar por isso/Cartas de amor/Ridículas”, esse trecho além da melancolia, percebemos que o fato de achar as cartas de amor refletiu o passado em que recebia cartas e as achava ridículas, porém agora entendia que as cartas não eram ridículas, e sim as pessoas as quais nunca escreveram uma cartas de amor.

Na penúltima estrofe, o heterônimo de Fernando Pessoa revela que agora entende que as cartas de amor não são ridículas, notamos uma angústia e tristeza, de somente após um suposto término de relacionamento, e acreditar que alguns fatos da sua vida amorosa poderiam ter sido diferentes. A ultima estrofe do poema está posta entre parenteses, segundo Conti (2017) seria uma explicação para o poema todo, e novamente satiriza que o amor seria ridículo.

Percebemos através desse poema um amor que escapa ao conhecimento racional, sabemos que o consciente funciona como a instância psíquica racional que não permite a fuga da racionalidade, esses conteúdos se chocam com o inconsciente responsável por armazenar os impulsos, desejos, afetos, traumas, perdas, entre outros, e isso faz com que o inconsciente se manifeste.

Ao lermos esse poema, vimos que ele poderia ser analisado também à luz da segunda teoria do aparelho psíquico elaborado por Freud: Id, Ego e Superego. Em linhas gerais, segundo BOCK (2009) o id é a parte inaccessível do psiquismo e suas características são descritas como opostas às do ego. Em seu interior o id abriga representantes pulsionais que buscam a satisfação impulsiva de desejos e necessidades, sendo regulados exclusivamente pelo princípio do prazer. No id não há negação de desejos, vontade coletiva, juízo de valor, bem, mal, moralidade, assim como também não há temporalidade.

Freud assinala que o ego é aquela parte do id que se modificou pela proximidade e influência do mundo externo e na qual emerge a consciência, sendo, portanto, uma extensão diferenciada do próprio id de quem ele retira sua energia. Seu objetivo é servir de mediador entre o id e o mundo externo, o que coloca em confrontação os dois princípios reguladores do aparelho psíquico: o princípio do prazer e o princípio da realidade.

O terceiro e último sistema a se desenvolver é o superego. Ele é o representante interno dos valores tradicionais e dos ideais da sociedade. É a força moral da personalidade. Suas principais funções são: inibir os impulsos do id, persuadir o ego a substituir objetivos realistas por objetivos moralistas e buscar a perfeição. Diferentemente do ego, o superego não se satisfaz em adiar a gratificação instintiva; ele tenta bloqueá-la permanentemente (BOCK 2009)

Assim Freud, imaginava a constante luta no interior da personalidade entre interesses conflitantes – sobretudo a batalha entre o anseio do prazer e a exigência moral. Para o psicanalista, desmascarar no plano do consciente esses conflitos interiores é o único caminho para a reparação de distúrbios psíquicos.

A partir desses conceitos podemos supor que o poema revela um embate enfrentado pelo eu-lírico entre o id e o superego. Enquanto o Id do eu-poético de Fernando Pessoa se permite escrever cartas de amor para Ophélia, conforme afirma Alberto (2009) foi a única namorada que se sabe que o poeta teve, o seu superego, representante da racionalidade e moralidade, julga como ridículas.

Fernando Pessoa teve durante toda sua vida apenas uma namorada, Ophélia Queiroz, o romance dois foi conturbado, o poeta teve várias crises depressivas. Durante o relacionamento trocaram cerca de 50 cartas de amor, como afirma Giron (2013) no site da revista época. Fernando Pessoa assim como qualquer indivíduo chegou a trocar cartas de amor ridículas, além disso, Giron (2013) afirma que as cartas do escritor apresentava um novo Fernando Pessoa, ciumento, lírico e erótico. Algumas dessas correspondências foram publicadas com a ajuda de Ophélia.

O autor supracitado afirma que o romance entre Fernando Pessoa e Ophélia Queiroz ocorreu em três fases: A primeira foi o *Ano da Paixão* que se deu entre novembro de 1919 até dezembro de 1920, posteriormente temos a *reconciliação* que aconteceu em setembro de 1929 até janeiro de 1930 com a troca de muitas cartas, e a última fase foi à *troca de cartas de telegramas* que se deu até 1935. As correspondências trocadas por eles tinha troca de apelidos como percebemos no trecho abaixo:

“Quem me dera ter a certeza de tu teres saudades de mim a valer. Ao menos isso era uma consolação... Mas tu, se calhar, pensas menos em mim que no rapaz do gargarejo [...] Um beijo só durando todo o tempo que ainda o mundo tem que durar, do teu, sempre e muito teu. Fernando (Nininho)”.

Diante disso, percebemos que quando Pessoa escreve está se libertando de seus desejos reprimidos, e é através de seus escritos que há uma libertação de suas fantasias sem que seja julgado ou que se sinta envergonhado pelo conteúdo oculto que está em seu inconsciente, já que escreveu por meio de um eu-lírico, que por si só já não deixa explícito do leitor seu sentimento e interior.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Quero ser uma obra de arte, da alma pelo menos, já que do corpo não posso ser”.

(Bernardo Soares)

O presente trabalho teve como objetivo analisar, sob a perspectiva da psicanálise, as manifestações do inconsciente em poemas de Fernando Pessoa. Nossa pretensão foi analisar os poemas: *“Sou um evadido”*, *“Não sei quantas almas tenho”*, *“Autopsicografia”* do ortônimo Pessoa, e *“Todas as cartas de amor são ridículas”* de Álvaro de Campos heterônimo do poeta.

Diante desse estudo percebemos o quão importante e enigmático é Fernando Pessoa, poeta que apresenta uma personalidade multifacetada que se expressa de formas diferenciadas e há uma busca por uma identidade que a cada poema parece ser mais difícil de ser conhecida. Freud, ao abordar sobre o inconsciente, define-o como um estranho que nos habita. Ao acompanhar Pessoa em suas viagens ao universo poético, podemos pensar além de Freud e dizer vários estranhos povoam as profundezas da mente do escritor. Um fato incomum e marcante de sua vida foi a criação de diversos heterônimos e cada um deles possuía estilos e características distintas uma das outras, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos são os mais conhecidos e talvez por isso, tenham suas próprias biografias.

Como já foi dito anteriormente, umas das vias de manifestação do inconsciente é através da arte. Em suas produções artísticas, o artista tem acesso a sentimentos ou desejos que antes eram desconhecidos e que impulsivamente escapam das garras do inconsciente e surgem em um momento de criação.

Conforme é ressaltado nos estudos de Peyon (2008, p. 101) *“o poeta abre caminhos para o psicanalista porque re-vela o desconhecido, renova o enigma e relança a verdade”*. A partir disso, o psicanalista estuda e descreve sobre o que foi revelado pelo poeta, no entanto, o poeta não saberia dizer se o que foi dito pelo psicanalista é de fato a explicação de sua obra.

Freud apud Peyon (2008) via na poesia, uma ferramenta importante para compreender as profundezas da mente. Para o teórico, o poeta em suas produções artísticas faz revelações que são desconhecidas até para ele mesmo, e é nesse contexto que entra o psicanalista como investigador do psiquismo humano. Sendo assim, o psicanalista tenta desvendar e apresentar o que foi dito pelo poeta em suas produções artísticas, pois como vimos nesse estudo nas produções artísticas

encontramos fatos da vida do poeta que não está dito explicitamente, mas que se revelam nas investidas do inconsciente que impulsivamente surgem na escrita poética.

Podemos perceber que quando o sujeito escreve pensando em cada palavra, está sob o comando do consciente, do seu lado racional, cognoscível e compatível com sua visão racionalizada do mundo. Por outro lado, quando em um ato de criação poética, as palavras saltam impulsivamente da mente, encontram estratégias para burlar a censura do consciente, temos aí um inconsciente em ação. Por isso, não podemos afirmar com concretude que é uma forma de manifestação do próprio poeta.

Em nossas análises, observamos que o inconsciente se manifesta nos poemas de Fernando Pessoa escolhidas como corpus de análise. O nosso trabalho evidenciou que através de suas poesias Pessoa, faz menção há fatos estranhos que fazem parte do seu cotidiano e acabam se contrapondo com sua vida.

A partir da leitura de seus poemas, constatamos que suas aflições, traumas, medos e desejos estão de forma velada presente em suas produções artísticas. O duelo entre o consciente e o inconsciente, as suas lembranças traumáticas, o confronto entre os desejos do id e a censura imposta pelo superego, todos esses fatos escapam ao entendimento do poeta, porém aparecem em seus poemas de forma sublimada, nos revelando assim o quanto enigmática pode ser a mente do ser humano.

Este estudo é apenas o primeiro passo para que novos estudos possam ser realizados tendo como corpus os poemas de Fernando Pessoa. A partir de nossas leituras, podemos dizer que outros poemas que não fizeram parte desse trabalho, também podem ser abordados a luz dos pressupostos freudianos. Dessa forma esperamos ter contribuído para ampliar e aprofundar o campo de estudo que envolve psicanálise e literatura, ao mesmo tempo em que ressaltamos a importância deste trabalho para a nossa formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

- ALBERTO, Jorge. **Mensagem Fernando Pessoa**. 2009. Disponível em: <http://www.procampus.com.br/vestibular/resumos/uespi2009/MENSAGEM_FERNANDO%20PES SOA.pdf>. Acesso: 04 de maio de 2018.
- ALVES, Luiz Fernando Rodrigues. **Sou onde não penso (inconsciente). Penso onde não sou (consciente)**. 2011. Disponível em: <<http://lfpicanalise.blogspot.com/2011/04/sou-onde-nao-penso-inconsciente-penso.html>>. Acesso: 04 de maio de 2018.
- AUTUORI, Sandra; RINALDI, Doris. **A Arte em Freud: Um estudo que suporta contradições**. Bol. - Acad. Paul. Psicol. vol.34 n. 87 São Paulo dez, 2014. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2014000200002>. Acessado em: 29 de novembro de 2017.
- BOCK, A. M. et al. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2009.
- BOSI, Alfredo. (org.) **Leitura de Poesia**. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- BUSCHINELLI, Cintia. **A psicanálise de mãos dadas com a arte**. Revista IDE: Layout. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ide/v31n46/v31n46a28.pdf>>. Acessado em: 18 de Maio de 2017.
- BRAZ, Fabiana de Siqueira. 2015. A psicanálise e a melancolia: O diálogo com a Literatura. In: ___. **Psicanálise e melancolia: Uma análise da personagem Luísa da obra “O primo Basílio” de Eça de Queirós**. 2015. Monteiro-PB: UEPB – Campus VI, p. 12-25.
- CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. **Poesia, o que é e para quê serve?**. 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4791946.pdf>>. Acessado: 4 de Maio de 2018.

CHAVES, Messias Eustáquio. **Arte e cura no pensamento freudiano**. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952006000100018>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2018.

CORDEIRO, Everton, Fernandes. **O inconsciente em Sigmund Freud**. Minas Gerais: PSICOLOGIA. 2010. Disponível em < <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>> Acesso em 20 de Abril de 2018.

CONTI, Isabella. **Análise do poema “Todas as cartas de amor são” de Álvaro de Campos**. 2017. Disponível em: < <https://semioticosblog.wordpress.com/2017/05/19/analise-do-poema-todas-as-cartas-de-amor-sao-de-alvaro-de-campos/>>. Acessado: 04 de maio de 2018.

CUNHA, Marcus Vinícius. **FREUD: Psicanálise e Educação**. 2017. Disponível em: < <https://pt.scribd.com/document/102579851/Freud-Psicanalise-e-Educacao-unesp>>. Acesso: 04 de maio de junho 2018.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. Sigmund Freud e a psicanálise. In: _____. **Teorias da personalidade**. São Paulo: HARBRA, 1986, p. 3-24.

FLEMING, Manuela. **Fernando Pessoa em análise leitura psicanalítica as obra pessoana**. 2016. Disponível em: < http://www.spbsb.org.br/site/images/Novo_Alter/2014_2015_2016/Fernando_Pessoa.pdf>. Acesso: 04 de maio de 2018.

FULGENCIO, Leopoldo. **A compreensão freudiana da histeria como uma reformulação especulativa das psicopatologias**. Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., V, 4, 2002, 30-44.

FRAMBACH, Lídia Bantim. **As mulheres sob o véu da melancolia**. 2010 115 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa) — Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. **Psicanálise implicada**. Viver - Mente & Cérebro (Coleção Memória da Psicanálise), v. 9, 2009, p. 40-51.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. **Estética da forma: Mario Pedrosa - crítica da arte, psicologia e psicanálise**. Ide (São Paulo), v. 48, 2009, p. 130-146.

FREUD, Sigmund. **Escritores criativos e devaneios [1906-1908]** In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. 9. Rio de Janeiro, Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Psicopatologia da vida cotidiana**. In S. Freud. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, A questão da análise leiga e outros trabalhos**. In S. Freud. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. **FREUD e o inconsciente**. 2. ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. 12. São Paulo: Atlas, 2009, p. 17-56.

GIORGI, Maria Edith do Amaral G. Di.; GIORGI, Flávio Vespasiano. **O "esquecimento de nomes próprios" na psicopatologia da vida cotidiana, de Sigmund Freud**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v4n8/v4n8a09.pdf>> Acesso em: 06 de fevereiro de 2018.

MOISÉS, Massaud. **A criação Literária: Poesia**. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

NASIO, J. D. **9 lições sobre a arte e a psicanálise**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

NEGREIROS, Carlos Augusto de. **Entre a realidade e o sonho: uma leitura de "Tabacaria" de Fernando Pessoa e sua relação com o Eclesiastes**. 2010. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/280996498_ENTRE_A_REALIDADE_E_O_SONHO_U_MA_LEITURA_DE_TABACARIA_DE_FERNANDO_PESSOA_E_SUA_RELACAO_COM_O_ECLESIASTES>. Acessado: 4 de Maio de 2018.

NOGUEIRA, Marques Francisco. **Josef Breuer e a invenção da Psicanálise**. 2017. Disponível em: <<https://www.opacientesimplificado.com.br/single-post/2017/01/15/Josef-Breuer-e-a-inven%C3%A7%C3%A3o-da-Psican%C3%A1lise>>. Acesso: 14 de Abril de 2018.

NUNES, Silvia Alexim. **A psicopatologia da vida cotidiana: Esquecer nomes e trocar palavras revelam conflitos ocultos**. Disponível em: <<http://www.paraiba.com.br/2011/10/08/60803-a-psicopatologia-da-vida-cotidiana-esquecer-nomes-e-trocar-palavras-revelam-conflitos-ocultos>>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2018.

O nascimento da Psicanálise. 2015. Disponível em: <<http://www.valordoconhecimento.com.br/blog/o-nascimento-da-psicanalise/>>. Acesso em: Acesso em: 06 de fevereiro de 2018.

PALADINO, Erane. **Nove lições e um diálogo infinito**. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/vivermente/noticias/nove_licoes_e_um_dialogo_infinito.html>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2018.

PAIS, Amélia Pinto. **Fernando Pessoa: Uma aproximação a Fernando Pessoa e seus Heterônimos**. 1 ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

PAULA, Marcelo Ferraz de. **Saudade e saudosismo: Ressonâncias do passado na poesia de Álvaro de Campos e Augusto Casimiro**. Disponível em: <http://www1.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/01_2009/08_texto_marcelo_ferraz_de_paula.pdf> Acessado: 4 de Maio de 2018.

PESSOA, Fernando. **O eu profundo e os outros eus**. Rio de Janeiro:PocketOuro, 2008.

PEYON, Eduardo Rodrigues. **Poesia, Psicanálise e a Construção do Conhecimento: Reverberações**. 2008. 264 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008. Disponível em: <http://www.academia.edu/28156666/Poesia_Psican%C3%A1lise_e_a_Constru%C3%A7%C3%A3o_Do_Conhecimento_Reverbera%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2018.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange M. **Psicologia da aprendizagem : da teoria do condicionamento ao construtivismo**. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PIMENTA FILHO, Jorge A. **O Método da Associação Livre**. 2009. Disponível em: <<https://psicologado.com/abordagens/psicanalise/o-metodo-da-associacao-livre>>. Acesso em: 22 de Março de 2018.

PSIQUE. São Paulo: Editora Escala, n. 4, dez. 2009.

PUCCINI, Ítalo. **O modernismo português e Fernando Pessoa**. 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mafua/article/viewFile/1451/1169>>. Acessado: 4 de Maio de 2018.

ROSENFELD, Helena K. **Entre a psicanálise e a arte**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65641999000100018>

ROUDINESCO, Elisabeth. A invenção da psicanálise. In: _____. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Tradução de André Telles. 1. ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2016, p. 81-115.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007, p. 116-125.

SANTOS, Ivanilson Fidelis dos. **A representação da infância de Álvaro de Campos no poema “aniversário”**. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/Modalidade_1datahora_09_11_2014_23_17_08_idinscrito_4659_963fca97f352b7a73abcb67d9ea17403.pdf>. Acessado: 4 de Maio de 2018.

SILVA, A. C. **Os fundamentos freudianos e as aplicações da psicanálise: Condições, possibilidade e implicações**. 2012. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2012. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/psicologiamestrado/files/2012/05/Angela-Silva-trabalho-de-disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2018.

SILVA, R. N. B.; COSTA, J. D. **ARTE E PSICANÁLISE: AS PRODUÇÕES ARTÍSTICAS E OS DESEJOS DO INCONSCIENTE FREUDIANO.** 2017.

SINGH, Kalu. **Conceitos da Psicanálise: Sublimação.** Tradução Carlos Mendes Rosa. Rio de Janeiro: Segmento –Duetto, 2005.

SOARES, Bernardo. **Livro do desassossego Fernando Pessoa por Bernardo Soares.** 2013
Cultura móvel Classics. Disponível em: < <https://www.luso-livros.net/wp-content/uploads/2013/11/Livro-do-Desassossego-.pdf>>. Acesso: 04 de maio de 2018.